

PERCEPÇÃO AMBIENTAL, SABERES LOCAIS SOBRE A VEGETAÇÃO NATIVA E IMPLICAÇÕES DA COVID-19 EM COMUNIDADES DE REFORMA AGRÁRIA

ENVIRONMENTAL PERCEPTION, LOCAL KNOWLEDGE ABOUT NATIVE VEGETATION AND IMPLICATIONS OF COVID-19 IN AGRARIAN REFORM COMMUNITIES

Marilene Vieira BARBOSA¹, Rejane Magalhães de Mendonça PIMENTEL², Alexsandro Bezerra Correia BILAR³

¹ Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2370-1999>

² Professora Doutora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3211-7601>

³ Professor Doutor da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9716-1358>

Artigo recebido em 08/07/2021, aceito em 23/12/2021.

Palavras-chave:

Representação ambiental;
Mata Atlântica;
Pandemia;
Agrobiodiversidade.

RESUMO

A questão socioambiental tem sido pauta de discussões mundiais. Estudos sobre a percepção ambiental contribuem para uma melhor compreensão das complexidades nas relações sociedade-natureza. Este estudo objetivou identificar e analisar a percepção e ações relativas à conservação da vegetação e desafios impostos pela pandemia da Covid-19 em comunidades rurais. Foram realizadas entrevistas com “informantes-chave”, visitas às matas e unidades produtivas das comunidades. Os entrevistados possuíam idades entre 37 e 81 anos e trabalham na agricultura desde a infância, para esses, a concepção de natureza e motivos para conservá-la estão relacionados aos mecanismos naturais que viabilizam a vida e regulam o clima. Os modos de percepção e interação da natureza dos entrevistados estão relacionados à vivência, aos saberes e aos modos de produção e geração de renda.

Keywords:

Environmental representation;
Atlantic Forest;
Pandemic;
Agrobiodiversity.

ABSTRACT

The socio-environmental issue has been the subject of worldwide discussions. Studies on environmental perception contribute to a better understanding of the complexities of society-nature relations. This study aimed to identify and analyze the perception and actions related to vegetation conservation and challenges posed by the Covid-19 pandemic in rural communities. Interviews were conducted with seven “key informants”, and visits were made to the forests and productive units of the communities. The interviewees ranged from 37 to 81 years old and have worked in agriculture since childhood. The conception of nature and the reasons to conserve it are related to the natural mechanisms that make life possible and regulate the climate. The ways of perception and interaction of nature from the interviewers are related to the experience, knowledge, and ways of production and income Generation.

1. INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica chama a atenção pelos altos índices de degradação ambiental e vulnerabilidade de sua biodiversidade, inerentes à exploração predatória de seus recursos e ao desmatamento para a expansão das atividades agrícolas, principalmente, a canaveira, a pecuária, a industrial e a imobiliária (Almeida, 2018), resultando em uma paisagem fragmentada, com sua vegetação reduzida a, aproximadamente, 12% da sua área original (SOS Mata Atlântica, 2020).

Cabe destacar a diversidade cultural dos povos, que vivem em seu território com diferentes modos e estilos de vida baseados em um conjunto de costumes, tradições, saberes e concepções sobre a natureza, formados a partir da percepção que eles têm do meio e diversas interpretações do biótico e abiótico, sendo aperfeiçoados e repassados ao longo das gerações e considerados um contraponto ao sistema de desenvolvimento hegemônico (Santos & Menezes, 2009; Tuan, 2012; Diegues, 2019).

Para Polli & Kuhnena (2011) e Patrício & Lima (2018), a percepção ambiental é concebida a partir do contexto sociocultural e de um conjunto de estímulos psicológicos e cognitivos do meio em que se vive, refletindo na maneira como o indivíduo interage e compreende o mesmo, assumindo processos individuais e coletivos. A mente converte os estímulos sensoriais em experiências, valores, motivações, julgamentos e vínculos afetivos, perpassando por valores sentimentais materializados de maneira simbólica, aos elementos que compõem o meio físico (Tauan, 2012).

Em comunidades de assentados da reforma agrária, para além das relações com o meio físico, os vínculos afetivos com o ambiente são intrínsecos ao processo de conquista da terra, particularidades socioeconômicas das histórias dos indivíduos e da comunidade e sentimento de pertencimento ao lugar (Pinheiro, 2019). Gonçalves et al. (2019) e Mattos et al. (2019) destacam a importância dos assentamentos no âmbito social, econômico e ambiental, na promoção do protagonismo e autonomia do camponês, através de práticas que buscam a qualidade “da vida” e fortalecem o processo de transição agroecológica.

Segundo Barbosa et al. (2020), estudos sobre a percepção ambiental permitem melhor compreensão acerca das complexidades das diferentes interações entre o homem e a natureza, evidenciando as características socioambientais e culturais, identificando ações e práticas sustentáveis locais. Sendo essenciais para a elaboração de planos de educação e gestão ambiental participativa, bem como de políticas ambientais contextualizadas com as diferentes realidades (Rodrigues et al., 2012).

Além dos desafios ambientais contemporâneos, em 2020, o mundo se deparou com a pandemia da Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, decretada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde - OMS, levando os países a adotarem medidas rígidas de contenção do vírus, em função de sua letalidade e rápida contaminação. O fechamento do comércio, a suspensão de aulas presenciais nas escolas,

o isolamento e o distanciamento social afetaram todos os setores da economia, aumentando o desequilíbrio financeiro, influenciando, diretamente, na qualidade de vida da população do campo e da cidade.

Diante dessa conjuntura, o estudo buscou identificar e analisar as diferentes percepções e ações relativas à conservação e manejo sustentável da vegetação nativa em comunidades da reforma agrária nos municípios de Tracunhaém e Araçoiaba, em Pernambuco, bem como os desafios enfrentados pelos agricultores durante a pandemia da Covid-19.

2. MÉTODO

O estudo foi desenvolvido nas comunidades de assentados da Reforma Agrária, Penedinho ($7^{\circ}45'15.34''S$ / $35^{\circ}7'51.36''O$) e Chico Mendes I ($7^{\circ}46'26.78''S$ / $35^{\circ}8'13.47''O$), ambas no município de Tracunhaém, tendo a última, parte de sua área localizada no município de Araçoiaba, na Mata Norte pernambucana (Figura 1), distantes, aproximadamente, 48km da capital de Pernambuco, Recife.

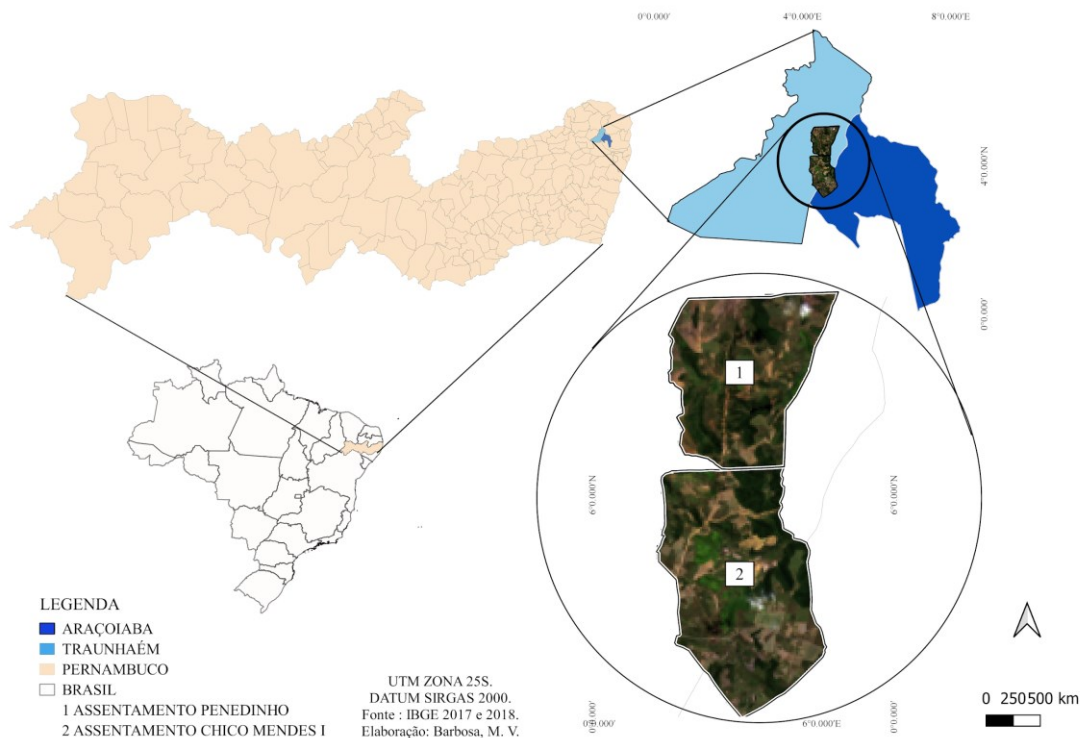


Figura 1: Localização das comunidades Penedinho e Chico Mendes I, nos municípios de Tracunhaém e Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

Fonte: IBGE (2017; 2018). Elaborado por Barbosa, M. V. (2021).

As áreas ocupadas por estas comunidades estão inseridas no bioma Mata Atlântica, apresentando clima do tipo Tropical Chuvoso (Köppen-Geiger, 1936), com chuvas concentradas entre os meses de março e agosto e precipitação média anual de 1.154 mm (CLIMATE-DATA, 2015).

O Assentamento Penedinho foi criado em 25 de fevereiro de 2003, com 39 famílias, em uma área de 461,23 ha, sendo 113,7 ha destinados à Reserva Legal - RL e Área de Preservação Permanente - APP, com

residências organizadas em agrovila, com sede de associação, biblioteca, cozinha comunitária, água encanada e coleta de lixo uma vez por semana. O Assentamento Chico Mendes I foi criado em 23 de novembro de 2005, com 59 famílias, em uma área de 700,7 ha, sendo 193,8 ha de RL e APP, com sede da associação e residências construídas nas parcelas, com cisternas do tipo telhado (INCRA, 2007). Apesar do tempo de fundação desses assentamentos, não foram encontrados dados oficiais referentes à quantidade precisa de seus habitantes atualmente.

O estudo teve caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, apontada por Ferreira (2015) e Proetti (2017) como a mais adequada, quando se considera e busca compreender as particularidades das experiências de determinado grupo social, exigindo o estabelecimento de uma relação dinâmica e de confiança entre pesquisador e colaboradores.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas, inicialmente, com observação direta e sistemática, ao longo do ano de 2019, da maioria das assembleias ordinárias das associações dos assentados realizadas, visitas aos roçados e às áreas de mata das comunidades estudadas, assim como levantamento preliminar de informações junto aos agricultores. A segunda etapa foi realizada em novembro de 2020 com visitas às residências, aos “quintais agroflorestais” e realização das entrevistas com os informantes-chave.

Os colaboradores foram identificados por meio da técnica “bola de neve” (Vinuto, 2014), na qual os entrevistados vão indicando outros “informantes-chave” até os nomes indicados começarem a se repetir, caracterizando o ponto de saturação da amostra.

Foram entrevistados sete informantes-chave, sendo, na comunidade de Penedinho, dois mateiros, conhecedores das plantas da vegetação nativa local, e o coordenador; na comunidade de Chico Mendes I foram entrevistados três mateiros e o coordenador. Os coordenadores foram considerados informantes-chave, por fornecerem informações essenciais ao propósito deste estudo, sendo estrategicamente os primeiros a serem consultados, devido a posição ocupada, além de serem agricultores que estão na comunidade desde sua fundação.

As entrevistas foram gravadas e seguiram um questionário semiestruturado, com perguntas norteadoras de cunho socioeconômico sobre a percepção ambiental e implicações da pandemia da COVID-19 na vida dos agricultores, sendo realizadas após a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento e Livre Entendimento – TCLE, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE Nº 15521319.4.0000.5208).

Cabe ressaltar que as entrevistas foram realizadas no período em que as medidas de restrições sociais de combate e de controle da Covid-19 foram flexibilizadas pelos Governos Estadual e Federal. Foram obedecidas as recomendações de segurança de distanciamento social, não formação de aglomerações, uso de máscaras e álcool 70%. Vale destacar que os agricultores foram consultados previamente e aceitaram a realização das visitas em seus roçados e residências.

A análise dos dados foi realizada aplicando a metodologia de Análise do Conteúdo - AC, a qual busca a interpretação do sentido contido nas respostas por meio do agrupamento de expressões ou palavras-chave, com significados semelhantes, extraíndo a ideia principal das falas e constituindo categorias analíticas (Moreira; Simões; Porto, 2005; Bardin, 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil socioeconômico

Uma pesquisa realizada por Amânico (2016) revela que a população dos assentamentos estudados é formada, principalmente, por ex-cortadores de cana-de-açúcar e posseiros da região, com os quais as usinas acumulavam dívidas trabalhistas.

Os setes colaboradores possuíam idade entre 37 e 85 anos e começaram a trabalhar nas atividades agropecuárias, principalmente a canavieira, entre cinco e 10 anos de idade. Em relação à escolaridade, dois dos participantes são analfabetos, dois cursaram o ensino fundamental I incompleto, um o fundamental I completo, um o fundamental II completo e um o ensino médio completo.

Silva (2021), ao pesquisar sobre a educação básica na Zona Rural da Mata Norte pernambucana, relacionou a baixa escolaridade da população rural à falta de escolas nos “Engenhos” e ao trabalho infantil, sendo comum encontrar pessoas idosas, e até mesmo jovens, que deixaram de estudar para trabalhar nos canaviais e ajudar na renda familiar.

Embora dois colaboradores sejam aposentados e dois recebam o “Bolsa Família”, a principal fonte de renda é oriunda da agrobiodiversidade, sendo a de três colaboradores gerada, exclusivamente, da venda de produtos *in natura* e beneficiados (Figura 2) em feiras livres, abastecendo o comércio dos municípios de Araçoiaba, Nazaré da Mata e Carpina, com venda direta nas portas e entrega nas escolas da rede municipal de Tracunhaém e Araçoiaba, pelo Programa de Alimentação Escolar - PNAE do Ministério da Educação.



Figura 2: Produção agroecológica dos entrevistados das comunidades Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

A= Graviola; B= Inhame e cará mandioca; C= Consórcio de coqueiro e outras lavouras; R= Criação de aves; F= Produção de mudas de espécies medicinais, frutíferas e nativas.

Fonte: Barbosa, M. V. (2021).

Entre os produtos comercializados *in natura* destacam-se a batata, o inhame, o cará, o feijão verde, o milho verde, a macaxeira, hortaliças, frutas (manga, mamão, abacate, acerola, sapoti, coco, limão, laranja, entre outras), o mel, as aves, os ovos, os porcos e bodes/carneiros. Destacaram-se como produtos obtidos a partir do beneficiamento, a goma, a massa de mandioca mole, o bolo pé de moleque na palha da bananeira e o bolo de macaxeira, todos especialmente apreciados pela população regional.

3.2 “A Mata é a embaixadora da chuva”: Percepção ambiental da vegetação nativa

Os dados relativos à percepção ambiental partiram do entendimento que os agricultores têm sobre o que é a natureza, da importância de preservá-la, das alterações percebidas e das ações de preservação nas comunidades. As respostas foram organizadas em categorias, de acordo com os principais elementos presentes nas respostas, podendo uma resposta apresentar vários elementos.

A Tabela 1 mostra as principais expressões usadas nas definições do termo natureza, por parte dos agricultores; destacando-se “o tudo”, a fonte de existência e a vida, além de outros elementos bastante citados relacionados à parte física e aos elementos dos ecossistemas.

Tabela 1: Expressões gerais sobre as concepções de natureza dos entrevistados das comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/ Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

CATEGORIA	EXPRESSÕES/ ELEMENTOS EMPÍRICOS DE REGISTROS	NM	
		P	CM
I - Existência da vida	<i>"Tudo que existe de vida";</i> <i>"Fonte de vida, sem ela nada vivi";</i> <i>"Dela depende todas as coisas";</i> <i>"Tudo que a gente precisa para viver";</i>	3	4
II- Elementos naturais/ ecossistemas	<i>"Plantas, animais, água, mata, alimentos, vento";</i> <i>"tudo que não leva o complemento do homem e que ele não deve tocar";</i> <i>"É as plantas, os animais, os passarinhos, as águas e todas as coisas tudo junto um com o outro";</i>	2	3
III - Fonte de saberes/ aprendizagem	<i>"Aprendi muito com a natureza desde pequeno"</i>		1
IV- Abrigo	<i>"veja quanta coisa ela acolhe"</i>		1

NM = Número de vezes Mencionadas; P = Penedinho; CM = Chico Mendes I

Fonte: Barbosa, M. V. (2021).

Infer-se que as definições e o entendimento da natureza, percebida pelos agricultores, partem de suas vivências ao longo do tempo e saberes repassados entre as gerações, acumulando múltiplos significados, simbologias e sentidos para além do físico e do biótico, conforme depoimentos.

"Olha, ela é a vida, para muita gente um pé de planta é só um pé de planta, mais veja quanta coisa ele acolhe ele nos dá fruto, alimenta os animais, aduba a terra, dá sombra, veja quanta coisa ele acolhe, e ainda tem as água, então para mim fica até difícil falar do que é natureza, por que é tudo, representa a vida". (Colaboradora 5, 52 anos, Chico Mendes I, 2020).

"[...] é tudo que existe de vida, é a felicidade que Deus nos dá todos os dias, porque tudo que a gente precisa para viver vem da natureza, a chuva a terra". (Colaborador 2, 81 anos, Penedinho, 2020).

As falas revelam aspectos semelhantes aos discutidos por Tuan (2012), que afirma estar a percepção e a concepção do meio em que se vive relacionadas ao conjunto de experiências individuais e coletivas, e ao elo afetivo, fenômeno que chamou de topofilia. Isto vai ao encontro do apresentado por Freire (2019), sobre a formação de visão de mundo e o processo de constituição do ser e dos saberes do sujeito.

Observou-se que as definições de natureza apresentadas pelos agricultores imprimem uma visão integradora, onde os mesmos são parte do ambiente, interagindo com os elementos que o compõe, de maneira sistêmica, em busca do equilíbrio, se aproximando da visão holística discutida por Abreu (2013) e Silva & Rangel (2017). Poucos elementos são considerados, por estes autores, naturalistas e românticos, onde apenas o meio físico e as espécies silvestres são reconhecidos como relativos à natureza.

Silva & Ragel (2017) defendem a necessidade da uma evolução do pensamento ambiental do antropocentrismo e do biocentrismo, para uma visão mais holística e integradora, considerando o ser humano como parte dos processos ecológicos e reconhecendo a contribuição dos povos tradicionais como partes importantes para a conservação da natureza.

Em relação à preservação da natureza e das matas das comunidades, todos os entrevistados afirmaram ser algo importante e necessário, estando as principais motivações relacionadas às condições de sobrevivência, de permanência no campo e de preocupação com as mudanças climáticas (Tabela 2).

Tabela 2: Motivos citados pelos entrevistados como importantes para preservar a natureza e as matas das comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

CATEGORIA	EXPRESSÕES/ ELEMENTOS EMPÍRICOS DE REGISTROS	NM	
		P	CM
I - Pela existência	<i>“a gente também é da natureza e tanto mais cuidamos da natureza mais cuidamos da gente”</i> <i>“[...] porque ela nos dá tudo de bom grado, e não precisa bulir”</i> <i>“pelo ar puro que ela nos dá, ajuda na chuva, protege o solo e as águas”</i>	3	4
II – Combater as mudanças climáticas	<i>“[...] quando eu era criança tinha vez de chover 11 dias direto porque tinha as matas, hoje está tudo acabando, o fogo o desmatamento...”</i> <i>“A mata é embaixadora da chuva, quando tem mata, chove mais...”</i> <i>“[...] se a gente se pegar a destruir tudo esquentar e acaba a nossa produção e a vida... e fica cada vez mais difícil a vida”</i>	3	3
III - Desequilíbrio nos ecossistemas	<i>“os bichos que vivem na mata e precisam de comida”</i> <i>“[...] porque se desmatar perde a cobertura e a proteção, de onde vem a água, das raízes das árvores...”</i>	2	1
II – Abrigo para biodiversidade	<i>“[...] onde os bichos moram e encontram alimentos”</i> <i>“[...] os bichos que se sentem acobertados por ela”</i>	1	3

NM = Número de vezes Mencionadas; P = Penedinho; CM = Chico Mendes

Fonte: Barbosa, M. V. (2021).

Observou-se, a partir das falas, que os agricultores entendem que a preservação da natureza e da vegetação parte da necessidade da existência de um ambiente ecologicamente equilibrado, no qual todas as formas de vidas possam sobreviver e sejam mantidos os benefícios que pode oferecer à comunidade.

“Primeiro a gente entende a questão de viver em uma comunidade que não tenha uma mata, onde a gente não possa ter um ar para respirar, a água, que tudo vem da mata, ela tem muitas finalidades, por exemplo, o açude da gente que é rodeado pela mata e ela protege para gente ter uma água de qualidade, a água da gente é uma riqueza, e outra, tem os bichos que são acobertados pela mata, quando a gente chegou aqui não tinha as qualidades insetos, passarinhos, cobras, de bichos que a gente ver hoje, todos eles se sentem acobertados pela mata, então ela é muito importante tanto pra gente que protege nossas águas, quanto para os bichos que se sentem acobertados por ela”. (Colaborador 1, 37 anos, Penedinho, 2020).

A importância de conservar para continuar usufruindo dos benefícios oferecidos pela natureza está presente nos depoimentos, desde a concepção de natureza, evidenciada pelas expressões usadas pela comunidade (Tabela 1), o que está relacionado às condições de existência e permanência no campo, até quando os mesmos mencionam a “chuva”, a mata que garante “a proteção das águas e o solo”, que previne e ameniza os efeitos das mudanças climáticas e que garantem as condições necessárias para plantar e colher.

Aspectos discutidos por Torres Júnior (2015) e Diegues (2019), na perspectiva da relação de troca, em que a relação agrega e passa a atribuir valores ao meio físico e aos eventos que viabilizam as atividades agrícolas e de geração de renda da comunidade.

Neste sentido, a fala de um ancião da comunidade de Penedinho de 77 anos chamou a atenção ao se referir as matas.

“[...] veja que a mata é embaixadora da chuva, quando tem mata, chove mais, e aqui quando a gente chegou chovia menos que a gente mal podia plantar, está chegando mais agora por causa dessas matas, e a gente foi plantando e pouco mais vai chegando mais... eu lembro que quando eu era criança tinha vez de chover 11 dias direto porque tinha as matas, hoje esta tudo acabando, o fogo o desmatamento, os carros e as industrias jogando gás, pouco mais não poderemos respirar, a terra está angustiada, e agora vem essa pandemia, é por causa do pecado de tanta destruição e mal querência do homem com a natureza”. (Colaborador 3, 77 anos, Penedinho, 2020).

A “embaixadora”, um termo usado pela comunidade, é contemporâneo, de origem francesa, e que diz respeito à portadora de uma missão, representando um domínio junto a um governo ou a um soberano, a que representa, a que anuncia uma mensagem particular (Priberam, 2008). Vale frisar que o colaborador, não necessariamente, conhece as definições formais da palavra, mas a utilizou-a com o objetivo de destacar a importância, o papel e a representatividade que a mata tem, a mensagem de “boa nova” que ela transmite, simbolizada pelo clima e pela chuva, tão necessária para a sobrevivência do homem do campo.

As mudanças da vegetação percebidas pelos agricultores, desde o estabelecimento dos assentamentos, estão relacionadas a três aspectos positivos: o aumento da área de vegetação, seja ela nas Reservas Legais - RL ou nas Unidades Familiar Produtivas - UFP; a quantidade de espécies vegetais e de animais silvestres visualizados na área, e ao tamanho das árvores, conforme descrito na Tabela 3.

Tabela 3: Principais mudanças notadas pelos entrevistados, em relação às matas e à vegetação nativa das comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

MUDANÇAS	MOTIVOS	NM	
		P	CM
I – Aumento da área de vegetação	“[...]olhando e comparando com quando chegamos aqui, a nossa área florestal aumentou em mais de 50%...” “Tem parte aqui era só folha de cana, não tinha pau não, a mata cresceu muito aqui[...]”	3	3
II – Tamanho das árvores	“agora tem arvores maiores[...]” “[...]tinha muito lugar bem surrado vossi, muito lugar que foi crescendo, e então crescendo bastante agora[...]”	3	2
III – Aumento da biodiversidade	“[...]hoje a gente nota que tem muitos pássaros” “[...]Agora tem mais variedade de arvores” “[...]quando ando na mata vejo pau vossi que antes não tinha[...]” “[...]tem mais pé de pau, tinha umas que a gente au via e agora vê”	3	

NM = Número de vezes mencionadas; P = Penedinho; CM = Chico Mendes I.

Fonte: Barbosa. M. V. (2021).

A diferença no tamanho dos fragmentos e das árvores foi percebida e relatada pelos colaboradores das duas comunidades, principalmente em Penedinho, cuja maior parte da área de vegetação nativa passa por processo de regeneração natural. A comunidade desenvolveu ações de reflorestamento, com espécies nativas,

em uma área comunitária e no entorno do açude, onde existem várias nascentes e foi construído um poço artesiano que abastece a comunidade, contribuindo para o aumento na diversidade de plantas e animais nas matas e unidades produtivas da comunidade, conforme relato de alguns deles.

“Além da variedade e quantidade de espécies, se a gente sair olhando e comparando com quando chegamos aqui, a nossa área florestal aumentou em mais de 50%, não só nas reservas legais, mais no geral, por exemplo a área da agrovila que já foi só cana e hoje ela está toda reflorestada com fruteiras e outras espécies. Começamos a reflorestar por necessidade para proteger nossas águas, por exemplo já percebemos que tem áreas a água acabou, tem fonte que não existem mais”. (Colaborador 1, 37 anos, Penedinho, 2020).

“Sim e muito de mata, hoje o que a gente nota que tem muitos pássaros, muita área que era cana antes a gente foi deixando para a mata crescer e temos a mata de hoje, além disso a gente da comunidade foi plantando muito sítio”. (Colaborador 3, 77 anos, Penedinho, 2020).

A partir dos dados obtidos, infere-se que as alterações observadas na vegetação pelos agricultores, nos últimos 17 anos, são reflexos da ação da comunidade. Cabe ressaltar o histórico de degradação ambiental na área, ocasionada, principalmente, pelas práticas de cultivo da cana-de-açúcar, com o uso intensivo de agrotóxicos, queimadas e desmatamento para a expansão dos plantios, influenciando a composição da paisagem até o momento deste estudo. As comunidades encontram-se cercadas de canaviais pertencentes às usinas e alguns agricultores começaram a plantar cana-de-açúcar em sistema convencional.

Representando a principal ameaça à vegetação, no período de colheita, o fogo ateado nos canaviais acaba atingindo as áreas dos assentamentos e destruindo as lavouras, os sítios e as reservas legais. Este fato, segundo os coordenadores das comunidades, tem sido frequentemente ponto de pauta nas assembleias e tem sido adequadamente resolvido quando os agentes causadores são pessoas da comunidade.

Os agricultores relataram que as origens do fogo são nos canaviais, sejam acidentais ou devido às práticas de colheitas, e aos treinamentos do Exército Brasileiro, cuja base fica ao lado da comunidade de Chico Mendes I. Isto exige da comunidade o desenvolvimento de estratégias de prevenção e de contenção do fogo, sendo a prática de aceirar (roçar/limpar uma faixa em torno de uma determinada área para evitar que o fogo chegue ao seu interior) as matas, roçados e sítios uma das principais ações para a proteção da vegetação nativa e roçados.

A Tabela 4 mostra um resumo das ações realizadas pelas comunidades em função da conservação e restauração da vegetação nativa do entorno.

Tabela 4: Ações relativas à conservação e restauração da vegetação nativa, nas comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/ Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

Ações	Quem?	Onde?	NM
Ponto de pauta nas Assembleias	Comunidade	P e CM	7
Aceirar as matas de RL, APP e das parcelas	Individual e comunidade	P e CM	5
Reflorestamento das RL e APP	Individual e comunidade	P	3
Reserva sustentável/Agrofloresta	Individual	P e CM	3
Corte seletivo	Individual	P e CM	2
Apagar o fogo	Comunidade	P.	2
Aconselhar/fiscalizar	Individual	P. e CM.	2

RL = Reserva Legal; APP = Área de Preservação Permanente; NM = Número de vezes Mencionadas; P = Penedinho; CM = Chico Mendes I

Fonte: Barbosa. M. V. (2021).

As iniciativas que visam a proteção e a conservação das matas e toda a vegetação da comunidade são um conjunto de ações e medidas de prevenção executadas no coletivo e no individual, sendo as assembleias das associações espaços potenciais de discussão, sensibilização e conscientização sobre as questões ambientais, de pensar e planejar ações coletivas.

Neste sentido, nota-se que a comunidade de Penedinho desenvolveu mais ações coletivas, como as de reflorestamento e mutirões para apagar os incêndios nas RL, provavelmente por se depararem com um ambiente de maior degradação, se comparado à área de Chico Mendes I, conforme relatos apresentados, demonstrando maior poder de mobilização na busca de resoluções dos problemas ambientais comuns a todos os moradores.

Em relação ao que poderia ser feito para uma melhor conservação da natureza e mitigação dos efeitos do fogo, os entrevistados apontam a necessidade de maior atuação do Estado, com o desenvolvimento de políticas públicas e fiscalização (Tabela 5). Isto se justifica pelo fato de nem todos se comprometem com o cuidar das riquezas da comunidade, além das usinas que, constantemente, ateam fogo nos canaviais em terras vizinhas às comunidades, sem se responsabilizar pelos prejuízos nos roçados e pela destruição das matas.

Tabela 5: Ações indicadas para uma melhor preservação da vegetação nativa de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

Ações	Quem?	NM
Fazer aceiros	Comunidade	7
Melhor atuação dos órgãos fiscalizadores	Estado	4
Parcerias para ações de restauração	Comunidade, ONGs e Estado	3
Ter consciência e respeito	Individual	2
Incentivos fiscais ou financeiros (bolsa verde, redução de impostos)	Estado	2
Identificar a origem do fogo e punir os responsáveis	Estado e comunidade	1

Não usar agrotóxico	Individual	1
---------------------	------------	---

ONG = Organizações Não Governamentais; NM = Número de vezes Mencionadas.

Fonte: Barbosa. M. V. (2021).

Outras propostas são baseadas nas questões internas da comunidade, as quais põem em jogo as atitudes de algumas pessoas, como ter mais respeito à natureza e às decisões coletivas. Isto poderia ser melhor resolvido com a atuação de agentes externos, como ONGs, com projetos de restauração florestal e ecológica, uma vez que a comunidade demonstra uma abertura ao diálogo e a consecução de parcerias.

3.3 “Aprendi muito com a mata desde criança”: Diálogo entre os saberes e práticas sustentáveis locais

No que se refere aos saberes locais e usos da vegetação nativa, os entrevistados foram indagados acerca de seu conhecimento sobre as espécies nativas. Os informantes-chave mostraram possuir amplo conhecimento empírico da flora das matas e do meio em que vivem, alinhando o saber com o fazer, por meio de ações e práticas sustentáveis desenvolvidas no dia a dia em seus roçados.

Muito tem sido discutido na ecologia dos saberes, por Santos & Menezes (2009), especialmente quanto à luz da relação entre “o saber e o saber fazer” no contexto ecológico, cultural e social das comunidades e suas contribuições, almejando a construção de um mundo sustentável, com práticas que dialoguem com as demais formas de existência e de ser, conforme destacado por Diegues (2019).

Durante as visitas de campo, os “mateiros” revelaram que aprenderam com os mais velhos a identificar e dar nomes às plantas, de acordo com as características particulares que mais chamam a atenção, como cheiro, formato, cor, textura e utilidades do fruto, da casca, da madeira, das folhas, das flores e dos animais que existem na mata. Além disso, ações ecológicas foram assumidas ao longo do tempo de convivência com a mata e repassados entre gerações, por meio de práticas e oralidade entre os membros das comunidades, conforme relatos feitos por muitos de seus membros.

“[...] comecei andar na mata com uns seis anos, sempre acompanhado com os mais velhos, depois com uns dose anos sai para mata só para andar, caçar fruta, daí comecei a observar uma diferente da outra, as folhas e os paus e a madeira, que nem por exemplo, a “favinha” é quaje igual ao “comodongo”, parece igual, mais se você olhar bem direito a folha já muda, e o “comodongo” engrossa muito rápido e morre também, igual o “cavaçu” que quando estão grande vão já se preparando para morrer... Eu já aprendi muito com a mata desde criança que ando nela”. (Colaborador 6, 47 anos, Chico Mendes I, 2020).

Nas palavras do mateiro fica claro o processo de produção e aperfeiçoamento dos saberes tradicionais ao longo do tempo, revelando os vínculos de pertencimento ao meio. Diegues (2000) e Silva & Rangel (2019) destacam que esses saberes, além da diversidade linguística, representam a diversidade de crenças e de cultura, construída pela relação de coexistência com o meio, estabelecida entre as gerações.

Foram citadas 49 espécies, destas, 48% ocorrem nas matas, 34% nas matas e Unidade Familiar Produtivas - UFP (roçados, parcelas, quintais e agroflorestas) e 17% exclusivamente nas UFP, integrando o conjunto de espécies que compõem a agrobiodiversidade local.

As espécies mais citadas foram cajazeira (*Spondias mombin* L.), sabiazeira (*Mimosa caesalpiniaefolia* Benth.), embaúba (*Cecropia pachystachya* Trécul), araçá (*Psidium cattleianum* Sab.), Ingá de porco (*Inga* sp.), comodongo (*Albizia polycephala* Benth.), macaúba (*Acrocomia aculeata* Jacq.), cabatã (*Cupania impressinervia* A. R.), kiri roxo (NI), pitomba (*Talisia esculenta* (Cam.) Radlk.) e espinheiro (*Machaerium hirtum* (Vell.) Steffeld.), sendo oito destas comumente utilizadas pelos entrevistados (Tabela 6).

Tabela 6: Espécies e usos da vegetação arbórea local informados pelos agricultores das comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	O	NC		USO	Local de coleta	Local de ocorrência
			P	CM			
Abiu	<i>Chrysophyllum cainito</i> L.	NI		1	A	UFP	UFP
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> Vall	N	1			M	
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	N	2	3	A	M/UFP	M/UFP
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolia</i> R	N		2	Me	M/UFP	UFP
Banana de Raposa	<i>Himatanthus phagedaenicus</i> (Mart.) Wood.	N	1		--	M	
Biriba	NI	NI	1		Ma	M/UFP	M/ UFP
Bordão de vei	<i>Samanea tubulosa</i> (Benth.) Barn. & J. W. G.	N	3	1	S	M/UFP	
Cabatã	<i>Cupania impressinervia</i> A. R.	N	2	4	Ma	M/UFP	UFP
Cajá	<i>Spondias mombin</i> L.	N	3	4	A	M/UFP	UFP
Canela de Velho	NI	NI	1		Me	M	M
Capitão	NI	NI	1		--	M	
Castanha do 'Pará	<i>Bombacopsis glabra</i> (Pasq.) A.Robyns	N		1	A/ S/ Or	UFP	UFP
Caubim	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	N	1		--	M	
Cavaçu	<i>Coccoloba latifolia</i> Lam.	N	1	3	--	M	
Chorão	<i>Pakia</i> sp.	N	1		--	M	
Cocão	NI	NI	1	1	--	M	
Comodongo	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip ex Record	N/E	3	3	--	M/ UFP	
Dendê	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	I	2	1	A	M/ UFP	M/ UFP
Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	N	3	3	--	M/ UFP	
Espinheiro	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Steffeld	N	1	3	--	M/ UFP	
Frejó	<i>Cordia</i> sp.	N	2		--	M	
Goiabinha	<i>Psidium</i> sp.	N		2	--	M	
Kiri roxo	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	N	2	4	Ma	M/ UFP	M/ UFP
Imbira Branca	NI	NI		2	Ma	M	M
Imbira vermelha	NI	NI	2	2	Ma	M	M
Ingá de porco	<i>Inga</i> sp.	N	1	4	B / A	M/ UFP	UFP

Ingá baixo	<i>Inga sp.</i>	N	1	3	A	UFP	UFP
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	N	2		Me	M/UFP	M/UFP
Lacre	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	N	1	1	Me	M	M
Louro	NI	NI		1	--	M	
Macaúba	<i>Acrocomia aculeata</i> Jacq.	N	2	3	Me	M/UFP	M/UFP
Murici	<i>Byrsonima sericea</i> D.C.	N		1	--	M	
Oiti	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	N/E	1		S/Or	UFP	UFP
Pau d'arco	<i>Tubeboia sp.</i>	N	2	1	S/Or	M/UFP	
Pau Faia	NI	NI		1	--	M	
Pau Ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul	N		2	--	M	
Pau jangada	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl	N	2	1	--	M	
Pau pombo	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	N	1	1	--	M	
Praíba	NI	NI	1		S/Or	UFP	UFP
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	N	3		A	UFP	UFP
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	N	1	3	A/S	M/UFP	UFP
Sabiazera	<i>Mimosa caesalpiniaefolia</i> Benth	N	2	4	Ma	UFP	UFP
Sabiazera da mata	<i>Ocotea glomerata</i> (Ness) Mez	NI		2	B	M	
Sambaquim	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Mag., St. & Frodin	N	1	2	--	M/UFP	
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess	N	1		--	M	
Sicupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	N		2	--	M	
Sombreiro	<i>Clitoria fairchildiana</i> R. A. Howard	N	3		S/Or	UFP	UFP
Unha de gato	Fabaceae sp.	N	2		--	M	

O = Origem; NC = Número de Vezes Citada; P= Penedinho; CM = Chico Mendes I; NI= Não Identificada; M = Mata; UFP= Unidade Familiar Produtiva; N = Nativa; I= Introduzida; E = Endêmica; A = Alimentação; Me = Medicinal; S = Sombra; Ma = Madeira; Or = Ornamentação; B = Bioindicadora.

Fonte: Barbosa. M. V. (2021).

Das 49 espécies citadas, 24 são utilizadas, ou foram utilizadas em algum momento, pelos entrevistados na alimentação, na medicina tradicional, na ornamentação, como sombra ou madeira para cabo de ferramentas (Tabela 6). Deste total, 15 foram citadas apenas pelos colaboradores de Penedinho; 11 por colaboradores de Chico Mendes I, e 23 por moradores de ambas as comunidades. Aproximadamente 78,2% dessas plantas são coletadas nas UFPs (áreas de roçado, na agrovila ou nas agroflorestas), provenientes de indivíduos plantados ou conservados, após nascerem de maneira espontânea nestes espaços.

Observou-se *in loco* que as famílias possuem sítios em torno das casas, conhecidos como quintais agroflorestais, onde é comum a presença de espécies nativas, cercas vivas com sabiazera (*Mimosa caesalpiniaefolia* Benth), pitanga (*Eugenia uniflora* L), cajá (*Spondias mombin* L), plantadas pelos agricultores, e as pequenas reservas conservadas nas parcelas “as boladinhos de matas” (Figura 12).

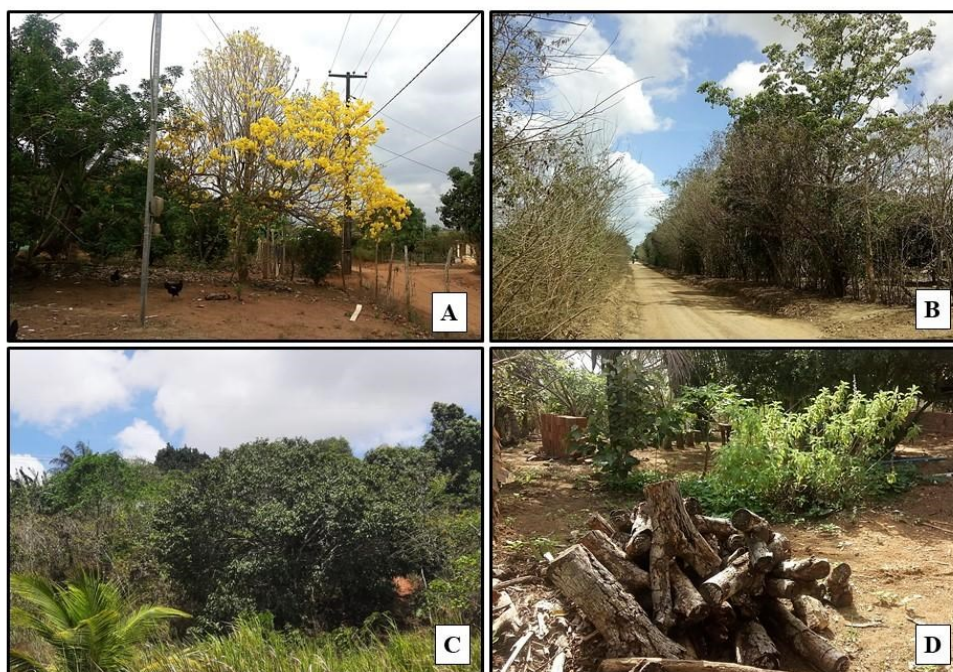


Figura 12: Panorama dos quintais Agroflorestais (A), Cerca viva (B), Agrofloresta (C) e Restos de poda (D) nas comunidades de Penedinho e Chico Mendes I, Tracunhaém/ Araçoiaba, Pernambuco, Brasil.

Fonte: Barbosa. M. V. (2021).

Estes espaços são constituídos com o objetivo de obter madeiras para queimar, fazer cabos para ferramentas agrícolas, varas para inhame, estacas e coleta de frutos, ou para ter sombra e o solo coberto, reduzindo a necessidade de coleta na mata, conforme relato abaixo:

“Como cajá, araçá já tenho tudo em casa fruitando, pego um cabo de enxada do kiri ou da imbira, mais hoje eu tenho isso tudo plantado no meu quintal, o povo aqui no início tirava para fazer casa de taipa e catava a lenha, mais hoje cada um tem o seu e o povo tudo vai no gás,né? Tem um ou dois que ainda deve pegar na mata, que tem gente que é teimoso, mais cada um conserva o seu na sua parcela” (Colaborador 2, 87 anos, Penedinho, 2020).

“[...] hoje eu gasto muita lenha por causa do meu forno que faço meus pés-de-moleque, mais meu sítio me dá tudo, e quando não tenho aqui eu pego as galhas das fruteiras que os vizinhos cortam e me dá” (Colaboradora 5, 52 anos, Chico Mendes I, 2020).

“Vou falar pela minha área, peguei essa parcela não tinha um pé de pau, deixei uma parte para crescer e sempre que posso eu to aplantando algo novo e hoje tenho minha agrofloresta, e tenho muitas coisas que preciso dela...” (Colaborador 6, 47 anos, Chico Mendes I, 2020).

Neste sentido, estes espaços plantados e mantidos pelos agricultores, junto à prática de incorporar espécies da mata aos roçados e quintais produtivos, constituem uma importante estratégia de conservação da vegetação nativa, obtenção de recursos naturais e geração de renda, suprimindo o autoconsumo de madeiras e frutos, além de aumentar a praticidade na hora da coleta, aumentar o teor de matéria orgânica no solo, abrigar a vida silvestre e contribuir diretamente com a produção agrícola.

Apesar de serem estruturados de acordo com as necessidades da família, os quintais agroflorestais e as agroflorestas podem apresentar elevada riqueza de espécies nativas, que passam a compor a agrobiodiversidade local, como apontado por Silva et al. (2019). Além de contribuir para a soberania e a

segurança alimentar das famílias e da população das cidades próximas, onde geralmente se comercializa a produção, conforme destacado por Damasceno & Lobato, (2019), são considerados um exemplo de experiências sustentáveis.

Siliprandi (2015) ressalta que a construção teórica conceitual da agroecologia e da agrobiodiversidade é pautada no protagonismo dos povos tradicionais, nos saberes e nas práticas tradicionais e ancestrais, enquanto Souza & Bustamante (2019) a consideram um contraponto ao sistema convencional de cultivos, que tem reduzido a agrobiodiversidade a extensos monocultivos com frutos transgênicos, representando uma ameaça para a biodiversidade e às diferentes formas de existência, tradições e saberes.

Cabe destacar que cinco dos sete “informantes-chave”, em conjunto com outras famílias das comunidades, fazem parte do projeto de agroecologia, da Comissão Pastoral da Terra – CPT, em parceria com as Associações das Comunidades e a ONG internacional Ações para um Mundo Unido – AMU Luxemburgo, que visa o fortalecimento das experiências agroecológicas e a implantação de Sistemas Agroflorestais – SAFs. Os participantes do projeto recebem acompanhamento técnico contextualizado e participam de formações, encontros, intercâmbios e planejamento da produção.

A sustentabilidade, os benefícios ambientais e socioeconômicos das práticas agroecologias e das agroflorestas em Assentamentos de Reforma Agrária são discutidos por Gonçalves et al. (2019); Mattos et al. (2019); Santos et al. (2021), os autores destacam sua multifuncionalidade e as parcerias entre agricultores, ONGs e Universidades, considerando-a uma importante ferramenta para a promoção da qualidade de vida e transição agroecológica nos assentamentos pernambucanos.

3.4 “O viver aqui é outro: estratégias de enfrentamento e desafios em tempo de pandemia da Covid-19

Em relação à pandemia da Covid-19 nas comunidades, os entrevistados lamentaram ter que evitar as visitas de vizinhos e, principalmente, de familiares e amigos que residem nas cidades. O deslocamento para as cidades, realizado apenas para comprar alimentos resolver problemas urgentes e entregas da produção, foi uma estratégia adotada para evitar a entrada e a contaminação do vírus na comunidade.

Outra medida foi a suspensão das atividades coletivas, como as assembleias mensais das associações, passando as informações e outros pontos de pautas a serem discutidos em grupos de *WhatsApp*, o que por si só é um desafio, uma vez que nem todos dispõem de celular, internet ou não possuem intimidade com a tecnologia das redes sociais e aplicativos de celular.

Alguns entrevistados afirmaram desconhecer casos da Covid-19 dentro das comunidades, e manifestaram alegria por morarem separados dos centros urbanos e se sentirem mais protegidos por estarem menos expostos ao vírus. Por outro lado, demonstraram preocupação com a falta de assistência médica e de infraestrutura hospitalar, em caso de necessidade, conforme é apresentado nas falas a seguir:

“Essa tal da pandemia não chegou por aqui, teve gente que teve gripe e se estava doente ficou debaixo dos panos porque eu não fiquei sabendo, agora uns familiar da cidade ficou mal, mais no sitio não, não entrou aqui não, e as compras eu tenho tudo aqui no meu roçado, minhas frutas, macaxeira, inhame, feijão, uma galinha, só sai comprar quando foi preciso comprar no mercado, mais demoro vi, o viver aqui é outro minha fia, ter a comida suficiente, dormi sossegado, tem terra para plantar e ainda planta para a cidadã, porque tudo passa por aqui no roçado do povo e se a gente não planta a cidade não come, né não?” (Colaborador 2, 87 anos, Penedinho, 2020).

Outros tiveram conhecimento de um ou dois casos isolados e demonstram preocupação por ter contato com as pessoas da cidade no momento da comercialização de seus produtos:

“Aqui mesmo aparentemente na comunidade não teve muito impactos, as pessoas evitam ir para casas dos vizinhos não temos muito contatos como antes, teve boatos ai de uns dois casos e as assembleias estão suspensas...como eu faço a feira de Araçoiaba, se eu peguei nem percebi” (Colaborador 7, 38 anos, Chico Mendes I, 2020).

É possível notar dois aspectos nos relatos: o sentimento de pertencimento ao ambiente em que vivem, evidenciando os vínculos estabelecidos com o meio, com a terra e o dom de ser agricultor, perpassando pela simbologia em ter um lugar para “chamar de meu”, que, conforme discutido por Pinheiro (2019), em assentamentos ganha sentidos multidimensionais, sob o olhar socioeconômico, ambiental e da história dos sujeitos e da comunidade, somando-se aos significados que o lugar ganha na construção da identidade do indivíduo.

Outro aspecto diz respeito a autonomia dos agricultores, expressada pela liberdade de poder produzir o próprio alimento em sua terra, trabalhar por conta própria e gerenciar sua rotina de trabalho, que, segundo os entrevistados, não apresentou grandes alterações em função da pandemia, conforme relato.

“[...] Minha rotina está normal, amanhece o dia a gente de casa vai trabalhar e acabou, imagina se a gente tivesse ficado só em casa, tinha faltado comida tudo, sempre o povo do campo está trabalhando, então a gente tem um peru, guiné, uma galinha, uma fruta, sempre tem comida pra gente e para os outros” (Colaboradora 5, 52 anos, Chico Mendes I, 2020).

O fechamento do comércio e a suspensão das feiras, em conjunto com a insegurança financeira que afetou a sociedade em geral, reduziu o poder aquisitivo da população, culminando na queda das vendas da produção. Sendo a redução da renda, as dificuldades no escoamento da produção e a ausência de ações de apoio emergencial do governo, os maiores desafios enfrentados pelos colaboradores e demais agricultores das comunidades neste período de pandemia, situação relatada na fala abaixo.

“[...] E afetou muito no comércio porque nossa produção não diminuiu porém a venda na feira reduziu muito e com isso afetou muito na nossa renda, a gente sente o antes e o depois da pandemia... porque não tivemos nenhum apoio na produção até a entrega nas escolas que pararam, agora o que ajudou muito o povo aqui foi um projeto ai da CPT, ela com uma organização internacional compraram parte da produção a um preço justo, e distribuiu nas periferias das cidades, isso nos ajudou muito aqui no assentamento se não tinha perdido quase toda produção” (Colaborador 7, 38 anos, Chico Mendes I, 2020).

Apesar do relatório da FAO (2020) alertar sobre os impactos da pandemia na segurança alimentar e apontar o apoio à agricultura familiar como estratégia de enfrentamento e prevenção a uma crise de abastecimento, a ausência ou dificuldades de acesso às políticas emergenciais voltada às demandas dos

agricultores também está entre os desafios relatado pelos entrevistados. Entre estas, o Auxílio Emergencial do Governo Federal, segundo os agricultores, muitas pessoas não conseguiram acessar, dos setes entrevistados apenas dois.

Vale destacar que a categoria ficou fora dos requisitos de seleção para a obtenção do benefício (Pontes, 2020), comprometendo a renda das famílias, uma vez que, além da suspensão das feiras livres e da redução na venda da produção, as entregas do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE foram suspensas, mesmo diante da autorização do Governo Federal para a continuidade do fornecimento da merenda aos estudantes, determinado pela Lei nº 13.987, de 7 de abril de 2020.

Araújo (2019) destaca que o PNAE constitui uma das principais políticas federais de apoio ao escoamento da produção da agricultura familiar e garante sua compra a um preço justo, proporcionando aos estudantes o acesso a uma alimentação de qualidade, com elevado valor nutricional. Isto se tornou uma estratégia eficiente no enfrentamento aos impactos da pandemia, nos municípios que continuaram comprando dos agricultores e distribuindo aos pais dos estudantes (Futemma et al., 2020), evitando a insegurança alimentar e financeira das famílias envolvidas.

Estes fatos levaram os agricultores a se reinventarem, realizando a pronta entrega de seus produtos, mediante encomendas, bem como se articular em redes de solidariedade junto às organizações sociais e ONGs internacionais, em ações de compra e doação simultânea da produção.

Conforme relatado, as comunidades se somaram à campanha “Partilhar a Terra, Repartir o Pão”, promovida pela CPT, que mobilizou esforços internacionais para a compra da produção dos agricultores e doá-la às famílias em vulnerabilidade social nas cidades, sendo a distribuição realizada pelos agricultores e agentes das pastorais (CPT NE II, 2020), fortalecendo as relações humanas, evidenciando a importância da agricultura familiar, da agroecologia e da reforma agrária, por meio da solidariedade e “união em rede”, amenizando os impactos da pandemia e ressignificando as relações e concepções entre o campo e cidade.

4. CONCLUSÕES

Os resultados revelaram as particularidades da percepção ambiental e saberes dos colaboradores, moldados a partir das experiências individuais e coletivas, vínculos afetivos com o meio e o contexto sociocultural em que vivem. Apresentando concepções que identificam a natureza como o “tudo”, que se traduzem na fonte de existência da vida, e que garante as condições de sobrevivência ao homem do campo, bem como as demais formas de vida, motivando ações de restauração de áreas degradadas dos assentamentos.

As ações relativas à conservação da vegetação estão associadas às iniciativas coletivas de reflorestamento, combate ao fogo, destinação de áreas para uma regeneração natural e, principalmente, às iniciativas individuais de implantação de agroflorestas, conservação de pequenas reservas nas UFPs

destinadas à obtenção de madeira e coleta de frutos, evitando a extração destes nas RLs. Estas ações têm contribuído para a promoção do equilíbrio ecológico, resultando no aumento da área com vegetação e da biodiversidade local.

Em relação aos efeitos da pandemia da Covid-19 nos assentamentos, embora a vida social da comunidade tenha sido afetada pela privação de fazer e receber visitas e a suspensão das assembleias, não foram relatadas mudanças significativas na rotina diária nos roçados e sítios; os agricultores continuaram plantando e colhendo. A Zona Rural, para os entrevistados, constitui um ambiente protegido pela menor exposição à contaminação pelo vírus da Covid-19, uma vez que os maiores números de casos são registrados nas cidades.

Conclui-se que o maior desafio está relacionado à redução da renda familiar, provocada pela queda nas vendas da produção em feiras livres e pela suspensão das entregas do PNAE, levando os agricultores a se reinventarem, se articularem e se unirem em ações de fortalecimento e escoamento da produção, por meio de redes de solidariedade, como estratégias de enfrentamento às consequências da pandemia da Covid-19, quanto ao isolamento social.

5. REFERÊNCIAS

- Abreu, I de S. (2013). Holismo e proteção do meio ambiente com vistas a manutenção do equilíbrio ecológico: Uma análise a partir do conceito de justiça em Aristóteles. *Derecho y Cambio Social*, 2005-5822.
- Almeida, G. M. A. de. (2018). Modificações na paisagem do Semiárido Brasileiro: influência humana e ambiental. (Dissertação de Mestrado). Disponível: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30884>
- Alves, R. R. N., Nishida, A. K. & Hernandez, M. I. M. (2002). *Ucides cordatus*, Decapoda, Brachyura affecting their collection attitudes. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 1(10), 1-8, doi.org/10.1186/1746-4269-1-10
- Amâncio, C. O. da G. (2006). O Sabor Agrícola da Reforma Agrária em Pernambuco: Refletindo Sobre a Experiência de Chico Mendes II e Nova Canaã em Tracunhaém, PE. (Tese de Doutorado). Disponível: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/tede/695>
- Araújo, L. R. S., Brito, A. N. M., Rodrigues, M. T. P., Mascaranhas, M. D. M. & Moreira-Araújo, R. S. dos R. (2019). Alimentação escolar e agricultura familiar: análise de recursos empregados na compra de alimentos. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(11), doi.org/10.1590/0102-311X00004819
- Barbosa, M. V., Pimentel, R. M. de M. & Bilar, A. B. C. (2020). Multidisciplinaridade da percepção ambiental aplicada às relações homem-natureza: Revisão sistemática. *Journal of Environmental Analysis and Progress*, 5(2), 156- 168, doi.org/10.24221/jeap.5.2.2020.3124.156-168.
- Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. Lisboa, Ed. 70.
- Brito, M. F. M. de, Marín, E. A. & Cruz, D. D. da. (2017). Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. *Ambiente & Sociedade*. 20(1), 83-104, doi.org/10.1590/18094422ASOC20150034R2V2012017
- Climate-Data. Clima de Tracunhaém, disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/pernambuco/tracunhaem>. Acessado em: 04 de jul. de 2019.
- Comissão Pastoral da Terra. (2020). Comunidades camponesas encerram o ano com ações de solidariedade e alimentam a esperança para 2021. Disponível: <https://www.cptne2.org.br/noticias/noticias-por-estado/5444-comunidades-camponesas-encerram-o-ano-com-acoas-de-solidariedade-e-alimentam-a-esperanca-para-2021>
- _____. (2020). Às vésperas do Dia Mundial dos Pobres, famílias camponesas doam alimentos em Tracunhaém, PE. 2020. Disponível: <https://www.cptne2.org.br/noticias/noticias-por-estado/pernambuco/5426-as-vesperas-do-dia-mundial-dos-pobres-familias-camponesas-doam-alimentos-em-tracunhaem-pe>

- Damaceno, J. B. D. & Lobato, A. C. N. (2019). Caracterização de um quintal agroflorestal na Amazônia Central, Brasil. R. Br. de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, 6, (12), 163-173, doi.org/10.21438/rbgas.061214
- Diegues, A. C. (2000). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP.
- Diegues, A. C. (2019). Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. Desenvolv. Meio Ambiente, 50, 116-126, doi.org/10.5380/dma.v50i0.66617
- Ferreira, C. A. L. (2015). Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. Revista Mosaico, Vassouras, 8(2), 173-182, doi.org/10.18224/mos.v8i2.4424
- Futemma, C., Toune, D., Andrade, F., Santosm, N. M. dos, Rosa, G. S. & Eduarte, M. A. (2019). Pandemia da Covid-19 e os Pequenos Produtores Rurais: Superar ou Sucumbir?. Scielo preprint, p. 26. Disponível: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/967/version/1673>
- Freire, P. (2019). Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra.
- Gonçalves, C. B., Bezerra, A. C., Medeiros, A. M., Bernal, A. F., Silva, I. C. B. da, Santos, D. F. dos, Oliveira, M. R. da C. & Alves, T. das S. (2019). Economia Camponesa e Resistência Territorial no Assentamento Chico Mendes – PE/Brasil. Campo-Território: revista de geografia agrária, 14(33), 106-128, doi.org/10.14393/RCT143305
- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Plantas Gerais dos Parcelamentos do Projetos de Assentamentos Penedinho e Chico Mendes I, 2007.
- Mattos, J. L. S., Caporal, F. R., Silva, L. M. S. & Teixeira, Y. R. (2019). A transição agroecológica no Assentamento Chico Mendes-PE: uma avaliação de agroecossistemas em busca da sustentabilidade. EXTRAMUROS-Revista de Extensão da Univasf, 7(1), 063-085.
- Moreira, W. W., Simões, R. & Porto, E. (2005). Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. R. Bras. Ci. e Mov., 13(4), 107-114, doi.org/10.18511/rbcm.v13i4.665
- Organização Das Nações Unidas Para A Alimentação e Agricultura. (2020). Novo relatório da FAO alerta para o impacto do COVID-19 na segurança alimentar na América Latina e no Caribe. Disponível: <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/1273231>
- Patrício, J. G. & Lima, R. S. A. (2018). Percepção dos moradores locais sobre os impactos socioambientais gerados após as instalações das indústrias calçadistas no Município de Brejo Santo-CE. Revista Id on Line Revista Multidisciplinar de Psicologia, 12(42), 378-396, doi.org/10.14295/online.v13i44.1595
- Pinheiro, L. S. (2019). Rompendo cercas, construindo saberes: trabalho agroecológico, vivência e (re)significações nas relações com o lugar. (Tese de Doutorado). Disponível: <https://repositorio.ufm.br/handle/123456789/27190>
- Pontes, N. (2020). Pandemia sufoca agricultura familiar no Brasil. Disponível: <https://www.dw.com/pt-br/pandemia-sufoca-agricultorafamiliar-no-brasil/a53639109>.
- Polli, G. M. & Kuhnem, A. (2011). Possibilidades de uso da teoria das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. Estudos de Psicologia, 16(1), 57-64, doi.org/10.1590/S1413-294X2011000100008
- Proetti, S. (2017). As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. Rev. Lumen, 2(4), 1-23. <http://dx.doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>
- Priberam da Língua Portuguesa, (2008). Disponível: <http://www.priberam.pt/dlpo/embaixadora>
- Rodrigues, M. L., Malheiros, T. F., Fernandes, V. & Darós, T. D. (2012). Environmental awareness as a support tool in the management and formulation of environmental public policies. Saúde e Sociedade, 21(3), 96-110, doi.org/10.1590/S0104-12902012000700009
- Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (2009). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina.
- Santos, M. H. P. dos, Santos, M. P. L. dos & Pereira, U. S. (2021). Multifuncionalidade e Práticas Agroecológicas em Assentamento de Reforma Agrária: O Caso do Mandacaru, Petrolina-PE. Rev. Mult. e de Psic., 15(54), 206-221, doi.org/10.14295/online.v15i54.2958
- Siliprandi, E. (2015). Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio: de Janeiro. Editora UFRJ.
- Silva, D. M. & Rangel, T. L. V. (2019). Do antropocentrismo ao holismo ambiental: uma análise das escolas de pensamento ambiental. Revista Âmbito Jurídico. Disponível: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/do-antropocentrismo-ao-holismo-ambiental-uma-analise-das-escolas-de-pensamento-ambiental/>.
- Silva, J. L. A., Barros, J. D. de S., Araújo, J. T. de, Moreira, R. da S. & Pordeus, A. V. (2019). Caracterização e estrutura dos quintais agroflorestais em Piranhas Velha no município de São José de Piranhas - PB. R. Br. de Gestão Ambiental e Sustentabilidade. 6(14), 677-695, doi.org/10.21438/rbgas.061405

Silva, J. S. da. (2021). Educação de base e sindicalização rural na Mata Norte de Pernambuco (1961 a 1972). (Dissertação de Mestrado). Disponível: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40255>

SOS Mata Atlântica. (2020). Atlas dos remanescentes florestais de Mata Atlântica- Relatório Técnico 2017-2018. São Paulo.

Souza, M. A. & Bustamante, P. G. (2019). O aniquilamento da agrobiodiversidade provocada pelo império agroalimentar. *GeoNordeste*, 30(2), 88-103, doi.org/10.33360/RGN.2318-2695.2019.i2especial.p.88-103

Tuan, Yi-Fu. (2012). Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina- PR: Eduel.

Torres Junior, E. U. (2015). Conhecimento ecológico e percepção ambiental sobre primatas por uma comunidade rural no entorno da reserva particular do patrimônio natural Engenho Gargaú, Paraíba–Brasil. (Dissertação de Mestrado). Disponível: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7619?locale=pt_BR#:text=Apesar%20da%20proximidade%20com%20a,et%C3%A1ria%20n%C3%A3o%20influenciou%20no%20CELP.

Vinuto, J. A. (2014). Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, 22(44), 203-220, doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977